

## **CARAVELAS AO MAR: OS CAMINHOS DA ESPANHA RUMO AO 1492**

**Yuri Mourão Falcão**

### **RESUMO**

Neste ensaio, analisaremos os fatores que impulsionaram a Espanha à empreitada oceânica. Fatores como a unificação territorial sob a égide de Castela (1492), a reconquista de Granada (1492), o desenvolvimento náutico, o forte apoio da Igreja Católica ao reino, o projeto de Colombo e as idéias que alimentaram o imaginário dos conquistadores serão expostas nas páginas seguintes.

**Palavras-chave:** Unificação espanhola; Castela; Reconquista; Colombo; Imaginário.

### **INTRODUÇÃO**

Por que foi a Espanha o país que aportou na ilha de Guanahani em 1492? Quais as idéias que animaram homens à aventura de adentrar no “mar tenebroso”? Fazendo, no primeiro momento, um panorama político da Espanha no século XV, analisaremos as causas que permitiram à Espanha o feito de 1492. No segundo momento, faremos uma exposição das idéias que animaram a conquista, servindo de combustível ideológico para os conquistadores.

Nesse ensaio nos propomos a entender o que levou o mundo ao “ano admirável de 1492”. As discussões são muitas e calorosas. Não vamos discutir qual a importância do espanhol na construção da América, muito menos debater sobre quem teve mais importância, o nativo ou o europeu. Aqui não vamos analisar a conquista da América realmente dita, porque, como diz Edmund O’Gorman “O projeto que Colombo submeteu aos reis da Espanha não se refere, pois, à América, tampouco às suas quatro famosas viagens”. Para o espanhol de 1492, não foi à América que partiram as embarcações de Colombo, mas às Índias, ao reino do Gran Khan, à Cipango, às grandes riquezas e

aventuras que os esperavam. Como se delineou o ano de 1492 para a Espanha, ano de sua unificação e da viagem de Colombo, é o nosso objetivo nesse ensaio.

## **POR QUE A ESPANHA?**

Usando o título do segundo capítulo do livro de Bernard Vincent; “1492 – Descoberta ou Invasão?” para ilustrar este primeiro momento do nosso estudo, analisaremos quais foram os motivos que levaram a Espanha ao pioneirismo no contato com as “terras habitadas ao oeste”, e a se tornar uma potência da época inaugurada pelas Grandes Navegações.

Poucas imagens têm o fabuloso poder de ser o grande símbolo de uma era. A Caravela, sempre representada nos livros de História como o emblema das chamadas “Grandes Navegações”, sintetiza a própria mudança. As transformações que levaram a Europa a uma nova era, através da solidificação de estruturas políticas, econômicas e culturais, são personificadas em um importante instrumento físico que levou o Velho Mundo ao Novo Mundo. Como se todos os ímpetus aventureiros, que andaram de mãos dadas com os interesses econômicos durante grande parte do processo colonizador, todo o progresso realizado nos meios de navegação, seja através de cartas náuticas ou aperfeiçoamento das embarcações se resumisse em apenas uma imagem. Se há um símbolo que possa representar o início da Modernidade esse símbolo é a Caravela.

La modernidad supone un conjunto de peculiaridades más o menos similares o comunes que poseen los países avanzados en el desarrollo técnico, económico, político, etc.; la modernización es el proceso histórico de adquisición de tales peculiaridades.<sup>1</sup>

Uma pergunta realmente importante e complexa de ser esplanada é a seguinte: Por que, em meio a outros países, foi a Espanha a empreender o que Gómara chamou de o maior feito depois da criação do mundo e da encarnação e morte de Cristo? Nenhum sinal, por volta de 1480, apontava a Espanha como o facho luminoso da Europa ocidental. E os irmãos Colombo tinham razão de bater indiscriminadamente às portas espanhola, portuguesa, inglesa e francesa.<sup>2</sup>

Portugal gozava de situação mais cômoda do que a Espanha. Já em 1127, D. Afonso Henriques assumiu o controle do condado portugalense, auto-intitulando-se rei de Portugal. Em 1128 haviam conquistado o último território que estava em poder dos mouros (Pestana, 2004).

Em 1474, a disputa dinástica pelo trono de Castela leva os outros estados da península para uma guerra. Isabel e Joana, filhas do falecido rei Henrique IV, apoiadas respectivamente por Aragão e Portugal travam uma luta sucessória. Entretanto, Isabel de Castela e Fernando de Aragão vencem a guerra. Então se iniciou o processo de unificação espanhol. Mas a União ainda estava em andamento, pois a autonomia de muitos territórios era grande. Segundo o autor, Bernard Vincent, “existia uma união pessoal e dinástica”.

Entretanto, não se pode afirmar que sua situação fosse esplêndida. Os franceses ocuparam Rossilhão e Cerdanha, as terras ocidentais da coroa de Castela foram devastadas pela guerra civil, e as posições aragonesas na Itália eram vulneráveis. No tabuleiro internacional, naquele Ocidente cada vez mais ameaçado pelo avanço turco, as Espanhas não pareciam representar a força mais temível. O progresso da França, a emergência do poderio dos Habsburgos e a expansão de Portugal – que não tivera que suportar a guerra em seu território – pareciam bem mais espetaculares do que a recentíssima e frágil construção espanhola<sup>3</sup>. Em termos demográficos, os reinos da Espanha, cuja população era de aproximadamente 7.500.000 de habitantes, só perdia para a França que tinha o dobro dessa população.

Economicamente os territórios de Castela davam impulso à economia Espanhola, e a criação de rebanho era a principal fonte econômica. Mas outras atividades como a produção de cereais, a pesca, a produção de embarcações, e o comércio fomentavam a economia.

Além dos impostos cobrados, a Igreja contribuía pesadamente para as finanças da Coroa, com quantias na faixa dos 34,5 milhões de maravedis anuais. A compra obrigatória das bulas das cruzadas aumentou tremendamente o produto dos reinos. A criação e reorganização de vários conselhos foram realizadas para aumentar o controle da Coroa, fazendo deles mecanismos do poder real, como o Conselho Real, considerado “o

sustentáculo dos reinos”, o Conselho de Aragão, o Conselho das Ordens Militares, e o Conselho da Suprema Inquisição.

A Castela do século XV era a região mais povoada dos reinos que formariam a Espanha. Só as terras castelhanas formavam um bloco de 5.000.000 de habitantes, muito superior a qualquer outro reino espanhol. As regiões com economia mais dinâmica eram as castelhanas. Cidades como Burgos, León, Toledo, Salamanca, Plasência faziam parte da Coroa de Castela. Um dos principais agentes de dominação de Castela no cenário espanhol foi a Mesta, uma poderosa corporação de criadores de rebanhos. Esses grandiosos rebanhos de cerca de 3.000.000 de carneiros eram passados por várias rotas no território de Castela, e sua lã alimentava a indústria e o comércio. Outra região de grande importância foi a Andaluzia, sobretudo a cidade de Sevilha, devido ao seu comércio com o Mediterrâneo e o Atlântico, pelo tráfico de ouro que abriu e enriqueceu suas relações principalmente com venezianos e genoveses.

La afluencia del comercio en oro, esclavos y azúcar, aparte de otros productos necesarios a los puertos andaluces, constituyó el precedente del gran comercio que se organizaría en un futuro con el Continente americano.<sup>4</sup>

Outra importante demonstração da superioridade castelhana foi o próprio idioma. A famosa gramática de Nebrija elevou a língua castelhana à categoria até então reservada, no mundo cristão, ao latim e ao grego. “A língua foi sempre companheira do poder”, assim pode se resumir o uso do idioma castelhano, que embora não teve nenhuma repercussão na época mas na unificação dos reinos sob a égide de Castela, pois o catalão “silenciou-se”, e o castelhano emergiu como a “língua mãe” do reino da Espanha. Resumidamente, estas eram a diferença de Castela em relação aos outros reinos espanhóis. Castela confundia-se com a própria Espanha.

Com as condições necessárias reunidas, a Coroa pôde enfrentar a último reduto mulçumano em território espanhol, Granada. A chamada Guerra da Reconquista, que para Portugal já havia terminado no século XII, para a Espanha ainda aguardava por um ponto final.

El mundo medieval hispánico del siglo XV, casi al final de su propia Reconquista, estuvo condicionado por la lucha contra el infiel agresivo, y sus reinos se lanzaron a proyección extracontinental, hacia el océano Atlántico y Pacífico, que dio lugar al descubrimiento de América.<sup>5</sup>

A rendição de Granada foi um episódio de grande significado para a unificação do reino. Desde o século XIII, o domínio mulçumano na Espanha fora limitado a apenas um território de trinta mil quilômetros. Mas Granada ainda persistia. Em 1478 fora assinada uma trégua entre Granada e Castela, mas em 1481 ela fora quebrada num ataque ao castelo de Zahara pelos mulçumanos. Em 1491, a guerra já se arrastava por dez anos. Então, a Coroa decidiu dar logo um fim aquilo. Montada uma poderosa máquina de guerra, bem superior à granadense, no começo de 1492 foi abaixo o último território ocupado pelos mulçumanos. A Espanha iniciava “o memorável ano de 1492” unificada...

Bem, depois de esboçado um panorama político da Espanha no século XV, vamos procurar entender quais eram os elementos que estavam disponíveis para a empreitada marítima espanhola.

Carlos Bosch García vê na influência catalã e portuguesa, dois impérios antecessores, o primeiro com o comércio no mediterrâneo e o segundo no Atlântico, na África e no Oriente, as bases e os conhecimentos necessários para a futura navegação castelhana. Sem eles, segundo o autor, não seria possível o intento castelhano às Índias.

Portugal e Catalunha aproveitaram os conhecimentos dos árabes, dos judeus, e de outras partes da Europa, que tiveram contato. Entre as tantas inovações trazidas pelos mulçumanos, a arte náutica foi de fundamental importância. O contato com os mouros influenciou o aprimoramento da indústria naval, e de muitos instrumentos usados para a navegação, como cartas náuticas, essenciais para a empreitada portuguesa.

Todos los elementos estaban al alcance, unos ofrecidos por Cataluña y otros por Portugal como contribución de sus propios ciclos de navegación, desde las brújulas hasta las naves, pero también estaban las incursiones en el mar tenebroso y el antecedente de la navegación hacia

Madera, las Azores, las Canarias y Cabo Verde que constituyeron en conjunto las prácticas necesarias para la navegación en alto mar.<sup>6</sup>

As ilhas Canárias foram uma espécie de laboratório para as navegações ultramarinas espanholas, e serviu de estimulante para uma competição com os portugueses e para familiarizassem com o Atlântico.

Retomando a indagação feita no início: Afinal, por que foi a Espanha a se lançar ao “mar tenebroso” em busca de uma rota ocidental para as Índias?

Após o último reduto mulçumano em solo Ibérico ter se extinguido, cuja luta praticamente pedia toda a atenção e gastos da Coroa, reunidas tecnologias e experiência marítima, já analisadas antes, outros fatores ajudam a explicar a primazia espanhola no “descobrimento” do Novo Mundo.

Figura essencial para os acontecimentos da conquista da América foi Cristóvão Colombo. Exaltado por muitos, contestado por alguns, esse é a figura de Colombo, largamente analisado pela historiografia mundial. Não faremos aqui uma discussão a respeito das análises que se fizeram do Colombo, nos restringiremos apenas a analisar o seu plano.

O projeto de Colombo é de uma simplicidade dórica: pretendia atravessar o Oceano na direção do ocidente para, a partir da Espanha, alcançar os litorais extremos orientais da Ilha da Terra e unir, dessa forma, a Europa à Ásia.<sup>7</sup>

Apresentado primeiramente em Portugal, em 1484, o projeto de Colombo foi analisado por uma comissão de especialistas reunida pelo Soberano, entretanto não foi aprovado. Em 1486, Colombo o apresenta à Coroa espanhola. Estudado por uma comissão na Universidade de Salamanca, o resultado, novamente, foi negativo.

Uma pergunta a se fazer é óbvia: Por que o projeto de Colombo foi negado pelas duas Coroas?

O principal desentendimento era em relação às distâncias. Colombo afirmava que, “o fim das terras habitáveis na direção leste e o fim das terras habitáveis na direção oeste são muito próximos, havendo no meio um pequeno mar”. Ele baseava-se nas mais variadas fontes para embasar o seu projeto. Dizia que, baseado no profeta Esdras, no terceiro dia de criação, Deus havia secado seis das sete partes do Globo. Baseado em leituras de Marco Polo, e Pierre d’Ailly e Toscanelli, ele reforçava a sua opinião. Mas as comissões discordavam de Colombo, pois diziam ser a distância entre as terras habitadas do leste e as de oeste maior.

Não era só o desentendimento em relação a distância o único obstáculo ao projeto de Colombo. Para Portugal, a exploração da rota das Índias orientais havia mobilizado muitos recursos e trazido muitos resultados para que se renunciassem a ela. E a Espanha estava, em 1486, empenhada em reconquistar Granada. Colombo teria de esperar...

Encerrada a grande empreitada granadina, e tendo os portugueses se assenhoreado do caminho meridional para as Índias, por que não explorar o caminho ocidental?<sup>8</sup>

Mais uma vez Colombo apresentou seu projeto para a Coroa espanhola. Ele, novamente diante do conselho, teve de convencê-lo. Para Colombo, devido à forma esférica do globo, navegando-se em direção ao ocidente o viajante poderia chegar ao oriente. A única dificuldade estava em chegarem a um entendimento da distância. Para isso, Colombo, que nos parece ter sido um homem de grande persuasão, chegou a conclusão de que o globo era menor do que se imaginava e o *orbis terrarum* era maior do que se pensava. Ou seja, quanto maior fosse a porção de terra (*orbis terrarum*) e menor o globo, menor seria a distância, e, conseqüentemente, menos tempo-gasto-esforço seriam empregados. Diante de tão “lógica” explicação, a Coroa aprovou o seu projeto. Agora, era só preparar as caravelas...

## **AS IDÉIAS QUE ANIMARAM A CONQUISTA**

Unificação espanhola, retomada de granada, projeto do Colombo, esses foram, resumidamente, os fatores que permitiram 1492 para a Espanha. Mas será que somente os acontecimentos políticos foram os responsáveis?

O maravilhoso, o incrível, o fantástico, que habitava a imaginação dos homens da época, foi muito importante para a empreitada. O “Gosto da maravilha e do mistério” esteve de mãos dadas com as razões econômicas para a busca de outras terras.

Quando Colombo deu com as terras que havia encontrado, teve a certeza de haver chegado na Ásia. Tratava-se apenas, segundo ele, de uma pequena ilha do farto arquipélago que forma a Ilha da Terra.

Em tudo e em todas as partes, Colombo via a Ásia, as remotas regiões da Ilha da Terra, que uma tradição multissecular vinha pintando em tão belas e alucinantes cores e que a cobiça do navegante acumulava de riquezas nunca sonhadas de ouro, pedras preciosas, especiarias e outros produtos do mais alto preço.<sup>9</sup>

Colombo via na vegetação exemplares certos da flora Asiática. Sérgio Buarque de Holanda, cujo livro “Visão do Paraíso – Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil” será abundantemente usado adiante nesse ensaio, exemplifica perfeitamente essas hipóteses *a priori* de Colombo, demonstrada por Edmund O’Gorman;

como existisse ali certo arbusto cujas folhas cheiravam a canela, não houve hesitação: era canela. Que melhor prova para a sua pretensão de ter alcançado o Oriente das especiarias?<sup>10</sup>

O que levou Colombo a crer que havia chegado a Ásia? O’Gorman, diz que o que fez Colombo crer ter chegado à Ásia não foi apenas por ter encontrado terra habitada, mas porque ele, antes de dar com as terras, já tinha a certeza que chegaria à Ásia. Essa *hipótese a priori* também é exemplificada por Tzevtan Todorov, quando diz que Colombo não tem nada de um empirista moderno, pois para ele prevalece o argumento de autoridade, ou seja, da Igreja. Para Todorov, Colombo já sabia de antemão o que encontraria.



Os relatos bíblicos, acrescidos da geografia fantástica e de reminiscências clássicas, enchiam a imaginação dos homens da conquista. A principal aspiração desses homens, a que mais mexia com sua capacidade imaginativa, era a busca do Paraíso Terrestre.

E nada o desprendia da idéia (Colombo), verdadeiramente obsessiva em seus escritos, de que precisamente as novas Índias, para onde o guiara a mão da Providência, se situavam na orla do Paraíso Terreal.<sup>11</sup>

Quase todas as descrições medievais do Paraíso Terreal possuíam uma fauna mais ou menos antropomórfica. O conquistador não encontrará apenas deleites, pouco a pouco começam a surgir criaturas perigosas e fantásticas. “hombres de un ojo y otros con hocicos de perros que comiam hombres, y que en tomando uno lo degollaban y le bebian su sangre y le cortaban su natura”.<sup>12</sup>

Uma ilha chamada Matinino, onde só moravam mulheres, e em determinada época do ano homens de outra ilha vinham, faziam a cópula e iam embora. As meninas que nasciam ficavam na ilha, e os meninos eram mandados à dita ilha de onde vinham os homens. Em Cibao tomou notícia de homens que nascem com rabo. Santo Isidoro chegou a dividir esses seres fantásticos que os desbravadores foram encontrando em quatro espécies: portentos, ostentos, monstros, e prodígios.

O Paraíso Terrestre não se inclui no itinerário de Marco Polo; outros, porém, que presumem tê-lo visto ou conhecido por notícias fidedignas, não deixaram de dizer que era um jardim rodeado de figuras monstruosas, que nada ficam a dever aos cinocéfalos e caudatos.<sup>13</sup>

A presença desses seres nas proximidades do paraíso poderia significar que não podiam descuidar um momento que fosse da salvação. Vários mapas e itinerários de navegação mostravam esses monstros vinculados à paisagem edênica. Homens com os pés virados para trás, muitos velozes ao correr, outros homens que comiam seus pais antes destes morrerem de velhice ou doença, tendo isto como uma prática piedosa.

A idéia de que existe na Terra, com efeito, algum sítio de bem-aventurança, só acessível aos mortais através de mil perigos e penas, manifestos, ora sob a aparência de uma região tenebrosa, ora

de colunas ígneas que nos impedem alcançá-lo, ou então de demônios ou pavorosos monstros, pode prevalecer, porém, independentemente das tradições clássicas ou das escolásticas sutilezas.<sup>14</sup>

A tão famosa Fonte da Juventude (ou Juventa), também fazia parte do imaginário fantástico dos homens da conquista. Das suas águas poderiam extrair a eterna mocidade sempre tão ambicionada pelos homens em todas as épocas. A armada organizada por Juan Ponce de Leon buscou, segundo Sérgio Buarque:

Localizar o mais breve caminho para a sagrada fonte e para o rio onde os velhos se revigoram e remoçam. A primeira estaria na pequena ilha de Bimini, e o rio da península contígua da Flórida, que Ponce pensava ser também uma ilha<sup>15</sup>. Não se restringia apenas aos homens da conquista o conhecimento dessas “maravilhas”:

Não só entre o povo, naturalmente crédulo, mas também na corte e no meio daqueles que a sabedoria e a fortuna separam do comum dos homens a fama desse extraordinário descobrimento logo alcançou adeptos, conforme a relação que o próprio Pedro Mártir deu sobre o assunto a Leão X<sup>16</sup>.

Outro famoso “mito erudito”, nas palavras de Sérgio Buarque, mitos esses originários de leituras como Marco Polo, e que ganhavam reinterpretações com os novos conhecimentos geográficos adquiridos, foi o das Amazonas. Mulheres ferozes na batalha, que na peleja valiam por dez homens. Livros como *Historia rerum ubique gestarum* do Papa Pio II, localizava as Amazonas numa ilha. As ilhas mágicas deixarão de ser o habitat dessas criaturas fantásticas, migrando elas para o continente. Diziam ser essas Amazonas guardiãs de um enorme tesouro, e suas terras situavam-se a latitude de quarenta graus, tesouros esses, segundo Padre Cristoval de Acuña, suficientes para enriquecer todo o mundo. Quem de nós nunca ouviu falar no El Dourado? Uma terra onde fabulosa riqueza se encontrava.

Tão obstinada, com efeito, que chega em dado momento a receber um sinete oficial com a nomeação de Pedro de Órsua para governador e capitão-geral do Dourado e com a remessa, em várias épocas, de poderosos contingentes militares incumbidos de descobrir aquele país encantado.<sup>17</sup>

Centauros, faunos, sátiros, pigmeus, gigantes, ciclopes, a famosa Ave Fênix, também constarão nos escritos e na imaginação dos homens. O que incentivará esses homens da conquista não é apenas o ouro ou outras riquezas. A busca por glória, a vontade enorme de ver essas criaturas fantásticas que a literatura medieval desenvolveu e que foi animada pela chegada nas novas terras, passam também a constituir a meta constante do conquistador. Que incentivo maior poderia existir para um homem que a busca por riquezas, aventuras, e, principalmente, pelo Paraíso Terrestre?

## **CONCLUSÃO**

Saber quais foram os motivos que levaram a Espanha a ser pioneira no contato com “as terras habitadas do oeste”, é importante para a entendermos o que trouxe a Europa para o mundo Ameríndio, permitindo a formação, junto com os nativos e os negros, da América.

A unificação espanhola, sob a égide de Castela, foi importante fator que tornou possível o “admirável ano de 1492”. Castela e a coroa de Aragão unificaram a Espanha em 1492, Granada foi rendida em 1492, e Colombo lançou-se ao mar rumo à rota ocidental da Índia em 1492. Quantos acontecimentos em um ano! Por isso a historiografia o chama admirável.

Nesse ensaio analisamos as causas políticas, econômicas, tecnológicas, e as fantásticas ou edênicas, que trouxeram a Europa para cá. A busca por um caminho ocidental, posto que o oriental estava em mãos portuguesas, era muito importante para a Espanha, pois o comércio das especiarias era fabulosamente lucrativo. Espanha unificada, um objetivo traçado, um projeto pouco dispendioso em relação aos vultuosos lucros que poderiam ser obtidos com as especiarias, tecnologia náutica para realizar o feito, um mundo fantástico cheio de aventuras habitando a imaginação de homens desejosos por glórias. Nada mais faltava à Espanha. Era só lançar as caravelas ao Mar...

## NOTAS

---

<sup>1</sup> ZEA, Leopoldo. *El Descubrimiento de América y su Sentido Actual*. México: Tierra Firme, 1989. p. 89.

<sup>2</sup> VINCENT, Bernard. *1492; descoberta ou invasão?* Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1992. p. 62.

<sup>4</sup> GARCIA, Carlos Bosch. *Los Impérios Marinos em La Formacion de América*. In: ZEA, Leopoldo. *El Descubrimiento de América y su Sentido Actual*. México: Tierra Firme, 1989. p 146.

<sup>5</sup> *ibid* p 143.

<sup>6</sup> *ibid* p 144.

<sup>7</sup> O'GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América*. Unesp, São Paulo. P 100.

<sup>8</sup> VINCENT, Bernard. *Op. Cit.*, p 51.

<sup>9</sup> O'GORMAN, Edmundo. *Op. Cit.*, P 104.

<sup>10</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos Edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Brasiliense: São Paulo, 2000. p 14.

<sup>11</sup> *ibid* p 24.

<sup>12</sup> NAVARRETE, *Colección de los Viajes* p 192.

<sup>13</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. Cit.*, p 22.

<sup>14</sup> *ibid* p 24.

<sup>15</sup> *ibidem*. p 25.

<sup>16</sup> *ibidem*. p 25-26.

<sup>17</sup> *ibidem*. p 38-39.